

A FLORESCENCIA

JORNAL LITTERARIO

Redactor-Chefe: JOSE' JORGE DAS NEVES



Redactor-Secretario: A. T. GRAÇA

ANNO I

S. PAULO, FEVEREIRO 1917

NUM. 8

EXPEDIENTE

"A FLORESCENCIA" é publicada em fins de cada mez e em dia indeterminado.

ASSIGNATURAS

Anno 2\$000
Semestre 1\$000
Numero avulso \$200
Atrasado \$300

Redacção e Administração:

Rua Dr. Ricardo Gonçalves, 30 (BRAZ)

Toda a correspondencia deve ser dirigida a José Jorge das Neves, Redactor-Chefe, para a CAIXA DO CORREIO, 2 - BRAZ São Redactores Auxiliares desta folha os srs. José Hosanna Cólho de Araujo, Daniel Bueno Machado, Italo Adami e José Lapa.

Não se devolvem os originaes embora não publicados.

NOTAS

Foi admittido no corpo redactorial desta folha o snr. José Lapa, que brevemente irá fazer pelo interior do nosso Estado, uma viagem em propaganda da mesma.

O resultado do nosso concurso de contos, só no proximo numero poderemos dar, pois não nos foi possivel dal o neste numero, embora fosse essa a nossa vontade.

Foi nomeado nosso representante na florescente cidade de Santa Izabel, neste Estado, o snr. Noel dos Santos, que tem abrihantado as paginas deste jornal com as suas apreciadas produções.

Atendendo-se a inumeros pedidos de nossas amaveis leitoras, resolvemos crear uma pequena secção de comentarios, cujo titulo será "Coisas e Coisinhas."

Essa secção será simplesmente collaborada por senhoritas que poderão assignar com pseudonymo, sendo indispensavel porém, nos mandarem seus verdadeiros nomes e endereços. Não serão permitidos artigos offensivos.

A Redacção.

A Serenata Árabe

Aos bons amigos:

Augusto e Eugenio Rocha

Emquanto longe, nos desertos poeirentos e interminaveis do passado a memoria incansavel revolve as páginas soberbas de um livro esplendoroso e único estudando a eterna metempsychose dos tempos; enquanto nos ventres das familias felizes mães e filhos immergiam-se ébrios de prazer nas

preciosas rendas avelludadas da verdadeira alegria; emquanto lindas creanças louras e innocentes abriam a candida bôcca como que n'um dulcissimo sorriso á vida que os havia de embalar no futuro, e moças gentis de perfil soberbo e um tanto romantico recebiam a cêrula corôa de esposas para depois de algumas horas verem cahindo aos pés desfeitas, incolores, porém, fecundas as pétalas encantadoras dos sonhos do pretérito — bem perto d'isto, ao som duma orchestra orgiaca e fatal era escarhecida ignobilmente uma dôr arcaica e talvez mais que profunda.

N'uma taverna antiga situada n'um dos arrabaldes mais modestos e ao mesmo tempo mais infelizes de uma gloriosa cidade onde um tempo reinaram a páz dolente e o saber profundo, sentados á uma mesa já carcomida pelos longos dias, dois moços e um velho falavam relativamente calmos, porém, fazendo gestos expressivos e desordenados como é costume geral nos «bas-fonds» da humanidade inteira. Um delles, bello e altivo, de olhos grandes e vivazes como os das mulheres do infausto imperio de Mahomet, pelos traços phisionomicos muito bem modelados mostrava ter de 20 á 22 annos de idade; de uma corpulatura robusta, nervosa e bem formada proporcionalmente tinha ao par d'isto um coração feito de bondade e generosidade. Trajava como trajavam e trajam ainda todos os miserimos seres que formam os membros da «má-vida», isto é, calças longas, bem passadas, de cintura larga que lhe chegava á metade do peito, paletot longo, preto, e na cabeça um bonnet grande de côr escura. Envolvia-lhe quasi todo o pescoço um grande lenço de panno vermelho, em forma de gravata, cujas extremidades elle fazia entrar pela cintura da calça, cobrindo assim uma grande parte do peito largo e forte.

O outro que sentava n'aquelle ins-

tante á esquerda deste, encostado indolentemente ao muro immundo da taverna era tambem robusto, de uma membratura de ferro, agil como poucos, de phisionomia sympathica mas assim mesmo mostrava ser de uma rudeza natural e imperiosa. Passára como que sonhando as 28 primaveras que quasi lhe sulcavam a fronte; trajava com o primeiro com a única differença que o lenço que trazia ao pescoço era azul claro.

O velho que se unia pelas ideias e pela amizade áquelles dois jovens era gordo em excesso, risinho sempre, calva luminosa, nariz um tanto grande e avermelhado que brilhava á luz do dia talvez pela bilis esse terrivei veneno humano que abundava em seu corpo. Assim em mangas de camisa arregaçadas junto ao hombro deixando vêr os braços gordos, amarellos e suarentos, já vencidos pela preguiça muito vulgar e perniciososa em pessoas como elle, com as calças todas cheias de máculas roxas feitas pelo vinho que deixava vasar de vez em quando do copo em que bebia e pelas suas maneiras grosseiramente senhoris, elle parecia o dono d'aquelle horrivel albergue cujo ar impregnado de vapores alcoólicos incommodava os poucos transeuntes que all pssavam junto á porta.

Ao fundo da taverna viam-se algumas mesas como que abandonadas, não menos velhas ou sujas do que aquella em que estavam os trez personagens mysteriosos, e sobre ellas algumas garrafas com os respectivos copos, todos vasios que esperavam pela mão do empregado incumbido de pôr em ordem a casa.

Encostado á parede que limitava o fundo d'esse antro, verdadeiro palco onde se desencadeavam todas as miserias humanas, dormia como um gigante em repouso para a digestão um grande piano todo preto cujo verniz se havia apagado pelo eterno passar e repassar das mãos indiscretas dos fre-

quentadores de tal logar. Uma janella muito estreita rodeada de figuras obscenas estampadas em máu papel, aberta n'aquella hora preguiçosa e morbida deixava entrar uma luz pállida que aclarava de um modo como que duvidoso o interior dessa alfurja que assim exhalava um ar fétido e insuportavel. Luz igual entrava pelas duas portas largas e baixas, muito grosseiras, escancaradas escandalosamente para só dar entrada a pessoas geralmente de indole bem pouco recommendavel.

Os trez homens, alli, sós falavam alternativamente assim como bons amigos que eram na verdade, sobre algum factio remoto que talvez só elles conheciam; falando enchiam sem cessar os copos já semi-enlodados pelo longo uso, de um vinho escuro e pesado e tragavam-n'os de uma só vez. Já semi-suspensos nas ondas estonteantes produzidas fatalmente pelas continuas libações, mordiam e remordiam a ponta de um talvez pessimo charuto cuspinhando interminavelmente no chão ladrilhado não muito limpo, onde se viam aqui e acolá alguns montes de serragem de madeira, sujos pelo vinho que alli se havia derramado ainda na noite anterior. Talvez com receio de serem ouvidos por extranhos conversavam á meia voz e por meias palavras ao mesmo tempo que passeavam os olhos sagacissimos por todos os lados para estarem seguros de si mesmos.

Em dado momento entrou alli como de surpresa um outro joven, decidido pela apparencia, trajando do mesmo modo que os outros, porém com o bonnet muito pendido sobre a orelha esquerda o que imprimia em seu rosto um quê de feroz e perspicaz. Sua fronte toda alagada em suor e a physionomia ruborisada em extremo demonstravam bem que tinha vindo ás pressas, quasi correndo, de volta de alguma urgente missão que virasse obrigado á desempenhar.

Os dois jovens e o velho que já alli estavam havia muito tempo voltaram-se á sua entrada como espantados, porém, reconhecendo-o sorriram satisfactoriamente.

— Ora muito bem amigos; afinal tudo consegui, disse elle.

— Tão cedo? interrogou o bilioso taverneiro.

— Pôde crer; hoje sem falta, á noite ella estará aqui.

— Pobre infeliz! ajuntou o mais joven delles n'uma voz dolente assim como n'um sonho.

— Qual infelis! Roberto! Fingimento apenas! bradou com gesto desprezivo o primeiro que entrára quasi correndo.

Roberto (pois este era o nome do mais joven frequentador daquelle taverna) teve um sobresalto a estas ultimas palavras; de ha muito conhecia o presente e o passado da pessoa de quem se falava n'aquelle instante e o seu coração ás vezes tão colérico quasi explodiu n'um tremendo rugido de indignação. Teve forças, porém, para abafar esse grito ainda dentro do peito prevendo talvez consequencias fataes. Jamais entraria em disputa com qualquer pessoa sem conhecer-lhe as armas, isto por prudencia gerada pela longa pratica da «má-vida» em que vivera desde os primeiros annos.

Abandonado pela propria mãe nunca conhecera seu pae e nem noticias delle, ainda que vagas tivera; e vagando no deserto borrascoso de uma existencia sem sustentaculos de especie alguma, ainda creança cedera ás instancias de um apache que vira n'elle um instrumento estupendo e semi-inconsciente para suas infamias. Assim nascera, proscripto, e já grande, forte e destemido chafurdou-se por completo nas vagas da taverna; mas o Destino apesar de fadal-o ao trilho enlodado do crime vibrou-lhe um raio de luz ao coração e n'essa luz cheia de graça divina alimentava a condescendencia que tinha pelos fracos e a piedade para os tristes. Respeitado pelos mais velhos, temido pelos mais jovens, apontado como o Rei da «má-vida», nunca se orgulhou e nunca escarneceu de cousa alguma.

Já em mais de um feito nobilissimo elle, o bandido, o cynico, o malvado como o chamavam por inveja, mostrára ter na alma a sublimidade e generosa essencia da creança e do respeito ao próximo, elle, o livre, o desertor!

Mil aventuras extraordinarias inundaram-lhe os dias e de todas ellas, umas manchadas de sangue, outras salpicadas de estrellas, uma só gravára-se-lhe eternamente nas paginas da memoria já cansada pela sempiterna luta.

E foi esta: em uma bella noite, indo a roubar no palacio de um millionario avaro como elle só encontrou estendida sobre um dos degraus da escada que dava entrada ao dito edificio uma menina de 12 annos de idade, pobre, esfarrapada, semi-demente, alli desmaiada e vencida pela fome mal

saciada que a atormentava havia muitos dias já. O millionario, sentado em aureo throno com barras de ouro aos montões negára cynicamente um pequeno pedaço de pão á ella, á misera mendiga agonizante!

Profundamente commovido Roberto levou-a para o antro de seus companheiros de vida; estes quizeram-n'a por «gigolette» mas elle resolvida á fazer della uma mulher digna de todo o respeito e talvez, sua futura esposa, oppoz-se ferozmente e por ella luctou com ardor inegualavel debaixo de uma chuva tremenda de doudas blasphemias e argenteos punhaes. Mais de um seu subdito revoltado cahiu alli exangue com o deito rasgado pelo ferro que Roberto brandiu em defesa da pobre menina. Vencedor por fim, conseguiu o seu intento e mais tarde pode fazer com que entrasse para um orphanato de onde pouco depois desapareceu mysteriosamente, como que por encanto, e ninguem mais teve noticias suas.

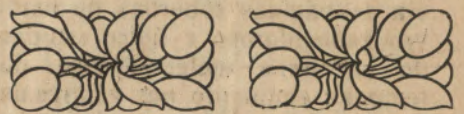
Seria quasi indescrível a raiva mixta de piedade que envolveu o rosto de Roberto ao receber esta má nova. Apertou com força o punhal que trazia á cintura e sahiu disposto á entregar a vida pela triste creança, sua doce Malvina, que mais de uma vez em sonhos o affagára meigamente.

Baldados foram seus esforços e sua audacia de apache.

Muitas primaveras se passaram depois desta tempestade, e nem a somgra de Malvina havia apparecido aos seus olhos meigos e profundos; julgou-a morta para sempre e tentou esquecel-a o que conseguiu em parte apenas, pois não se esquece pelo tempo as formas de um ideal. E um dia (ah! quão doce fôra esse dia!...) Roberto viu-a, ou melhor, julgou vel-a ainda mendigando o sustento da vida miserrima pelas ruas quasi desertas e enlameadas dos arrabaldes, porque ella não se atrevia á apparecer em plena cidade á luz ardente do sol.

(Continúa).

Raoul Polillo.



SANTA

«E eu? cega, sosinha neste mundo de Deus? Que ha de ser de mim?».

(Goelho Netto — «Sertão»).

Eil-a que passa lenta e vagorosamente por entre as veredas tortuosas, cheias de abysmos insondaveis, exposta ás vicissitudes e perfidias deste mundo máu e perverso para os que soffrem, amparada, protegida, só e simplesmente pela sua resignação evangelica e pelo seu esperar sempre a commiseração dos homens e a bema-venturança divina, que naturalmente, a ella estão reservadas, cren-do-se na infinita misericordia do Omnipotente!

Oh! pobre cega!... O que soffres nesta tua vida de miserias e martyrios, é-me impossivel descrever. pois tão grandes, tão crueis são as tuas dores, os teus pesares, que não é dado ao homem, á materia, ao pó comprehender semelhantes padecimentos, agruras e torturas, que só ao justo, ao bom, ao santo, Deus faz conhecê-los, sentil-os sobre o seu corpo e sobre a sua alma, para domar os impulsos da carne vil e concupiscente e por esse meio impiedoso e cruel, comprovar o verdadeiro santo, o verdadeiro martyr...

E' tão joven, tão formosa ainda sob as suas vestes rôtas, com as suas faces nuas e macilentas e o seu andar tropego que, ao encontr-a, julga-se ter em face uma creatura santa, uma imagem pura...

Ainda assim, é bem triste vel-a á beira da estrada, ao lado d'outra pobre e infeliz creança, ambas nos verdes annos e de rostos pallidos, com uma das mãos estendida á implorar do viandante que acaso passa por alli, — uma esmola pelo amor de Deus!

A's vezes o caminhante nem olha para o lado donde veio a voz tremula e commovida, passando a diante, surdo á dor da miseria e da desgraça. Outras, o homem ouvindo a sua triste supplica, passa olhando-a com um sorriso ironico, como que para escarnecer de sua infelicidade...

E a pobre cega sem um gemido, sem um queixume não se cança, e implora sempre — pelo amor de

Deus — uma esmola para comprar o pão negro de cada dia, e dar assim, o sustento ao seu bom companheiro que é ao mesmo tempo, o seu unico affecto na terra...

E cheia de esperança, ardente de fé, roga, pede, e supplica, não lhe importando a zombaria dos máus, até encontrar um ente que, condoído das miserias do proximo e das dores dos que soffrem lhe dê a migalha que necessita para saciar a sua fome e a de seu companheiro...

Coelho de Fraujo.

S. Paulo.

O CONFISSIONARIO

Entre flores descoradas, de papeis, arcos quebrados, tocheiros arruinados, trapos carcomidos, galões estragados pelas traças, no lugar destinado ao lixo da velha igreja, encontram-se os despojos de antigo confissionario.

E aquelles destroços, que já se confundem com a poeira, si fallassem, contavam-nos por certo scenas pungentissimas.

Basta, entretanto, que se medite sobre o passado daquellas taboas semi-decompostas, nos segredos do que foram, por força natural, discretas confidentes, quando em conjunto formavam o confissionario antigo, hoje substituido por outro novo, para que se tenha a impressão de ouvir-as mais eloquentemente, clamarem agora, naquella mudez, toda a historia de dramas passionaes que por ventura ouviram. E então no occaso da vida ellas nos contam...

— Mas porque fugiste de teus paes, filha?

— Para casar-me com Paulo, senhor cura.

— E consumaste por te casares?

— Não...

— Não?!?

— Não snr. padre... o destino se oppoz.

Lagrimas crystalinas rolaram, pelas faces da desditosa joven, em dois fios rosariaes.

— Como?

— Paulo morreu quando a nosso ventura começava a desabrochar... quando ainda em fuga

demandavamos em região ideal, longe dos homens e das hypocrisias... Subitamente tombou em meus braços... Expirou... Corri a pedir soccorro e julgaram-me assassina... Encarceraram-me innocente... e eis-me senhor vigario a rogar-lhe perdão.

Pelas faces rugosas e encovadas do velho cura deslizaram mansas duas lagrimas — nuncias da compaixão — e com as lagrimas um nó a garganta interceptou-lhe a voz. Depois de longa pausa, compassivo e misericordioso, terminou o padre velho:

— Os teus soffrimentos foram as tuas penitencias... e... Paulo espera-te para o enlace divino na região ideal, longe dos homens e das hypocrisias...

Entre flores descoradas, de papeis, arcos quebrados, tocheiros arruinados, trapos carcomidos, galões estragados pelas traças, no lugar destinado ao lixo da velha igreja encontram-se os destroços do velho confissionario.

Santa Izabel, Janeiro, 1917.

Dalila Brandão.

Pasteis de brisa

Vê, querida o futuro que te espera,
Si te resolves a casar commigo:
Viveremos no reino da Chimera,
Sob um placido céo, radioso e amigo

De beijos numa eterna primavera
Tangendo a lyra como um bordo antigo
Do pão do céo hei de ficar á espera,
Numa estalagem — romanesco abrigo!—

Tu cuidarás da roupa e da cosinha;
En farei versos, ao clarão da lua,
Contos te contarei... da carochinha.

Quem ha que uma ventura igual possua?
Eu faminto direi —: querida és minha!
Tu, com fome dirás:—meu bem, sou tua!

D. Xiquete



ORATORIA

O cultivo da intelligencia é tão necessario como a alimentação do corpo.

Cicero.

E' no amago da incompetencia, que me aninho, principiante ainda, nas noções litterarias, afim de proteger-me contra os pesados golpes da Critica que, por certo sobre mim serão desfechados.

Contudo; hei de resistir a todo antagonismo que se me apresentar!

Saio, finalmente, resolute e disposto empunhando o vexillo verde e tremulo, no qual resplandece serenamente o preceito Socratico: «Empregae o vosso tempo a aperfeiçoar-vos por meio do que os outros escreveram; chegareis assim facilmente, aonde elles chegaram com difficuldade».

Qualquer falta, portanto, é compensada, pois este emaranhado de palavras, constitue a minha estreia no «mundo litterario».

**

A arte sublime e transcendental da transformação do verbo intimo do pensamento em a expressão externa denominada palavra, constitue a oratoria.

Mas, não termina na extrinsecção, este poder ineffavel que, em determinadas occasiões inflamma e arrebatada, melancolisa e enternece os nossos espiritos, e que nos dominando a vehemencia e a anciadade dos desenlaces finaes, acolá o sentimento doloroso que se concebe sob o entrebilhar crystalino das lagrimas.

Consiste pois, esta *indizibilidade* não em construir phrases com palavras ócas e metaphoricadas, somente para agradar aos leigos, mas unicamente em enfeixal-as atinadamente dando-lhes uma certa refulgencia, porém, attendendo sempre a coherencia das coisas.

Não é sómente o timbre da voz que faz a oração: é a essencia profunda que ella representa!...

O sentimento verdadeiro que a promove, visando a equidade das coisas dignifica-se a si proprio e attinge perfeitamente o fito anhelado.

Aonde não se patenteia esta verdade irrefragavel?

E' tempestivo perpassarem imperfeitamente a «H. da oratoria».

Demosthenes, o terrivel adversario do Marte Macedonico — Philippe —, a perseverança personificada combatendo contra a anomalia que, após prolongado esforço consegue dominal-a — a gaguez — é um exemplo frisante.

A sua palavra quente e estrepitosa, repercutia fortemente no «Agora» atheniense, afim de vedar a violação do territorio patrio e o enxovalhamento de sempre pela inexoravel espada macedonica.

S. João Chrysostomo — o Bocca d'Oiro — neophito ainda do Christianismo a jejuar e a penitenciar; a atacar com sua infrene eloquencia as impudicias de Arcadio e Eudoxia, da corte e do clero byzantino.

Cicero, o orador inflamado a punir com os relampejos do seu genio, no Senado Romano, os actos depredatorios de Vures e a conspiração de Catilina conquistando o cognome de «Pae da Patria».

Bossuet o «Principe dos oradores francezes» o Padre da Igreja, na phrase de La Bruyere, a deitar chuvas de eloquencia nos pulpitos de Paris, em favor do Christianismo.

Ruy Barbosa, esta summidade patria — a «aguia de Haya» e o «condor da America» a pregar pela Justiça e pelo Direito, immortalizando-se e ligando á Terra Brasileira o orgulho mais santo e justo que é a immarcessivel corôa de loiros, nos annaes immoredoiros da Historia.

Olavo Bilac, o perscrutador abalitado dos sentimentos nacionaes, o «Principe dos nossos vates» deitando eloquentemente a pujante sementeira do seu estro — o militarismo — afim de abrir um atalho luminoso em cujo pincaro possa ser desfraldado glorioso, ondulante o pavilhão auri-verde...

E' sempre o sentimento intrinseco promotor que valorisa, engrandece e immortalisa uma oração, e nunca as phrases encantadoras e pseudas, bellas e metaphoricadas, pois isto só agrada aos leigos e merece a ironia dos doutos e competentes.

Pedro Aletto.

S. Paulo.



A LUA

(Ao poeta Moraes).

Bella, saudosa, macilenta, a lua passeia no azul infindo, velando o cortejo de milhares de estrellas.

Envolta como parece, no manto sideral, ella é, com effeito, a «rainha da noite».

Ora, o brilho argenteo é offuscado por finas camadas de nuvens plumbeas que vagam incertas nas alturas; subito, porém, o astro resurge do purpureo seio, assoberbando novamente a terra.

Sempre em ascensão, o disco luminoso desprende flexas prateadas que se cravam nos flancos dos montes. E, por sobre a arêa que scintilla, na praia alvinitente, estende o immenso sendal opalino.

O lago crystalino e o opulento mar, recebem, em pollidos reflexos, beijos frios que a lua lhes envia.

A terra de tristonho, mas de suave aspecto, parece adormecida, sonhando cousas ideaes.

Nada ha mais simples, nada mais sublime do que a branca lua!...

A natureza inteira parece magnetizada, tal a quietude, pela excelsa «tuberculosa» que continúa bella, saudosa, merencorea, passeiando no azul infindo...

Santa Izabel.

F. Arantes.

- MORTAS -

Recordação de minhas manas: Delmira e Gautilla.

Estavamos na Primavera.

N'essa risonha quadra das flores, nessa ditosa estação em que tudo parse fallar-nos de amores, ellas, as minhas queridas maninhas, despediram-se do mundo; quaes avesitas innocentes.

Foram conduzidas da casa de meus paes, em dois pequeninos esquiifes e cobertinhas de flores.

Em casa, minha mãe, chorava amargamente, a ausencia daquelles fructos de su'alma e que tanto estimava.

Pobresinhas! Descançae, descansae essas fronteas pequeninas de fadas, no frio e ingrato solo; oh! manas, que deste mundo foragidas, partistes!



VOZES D'ALMA

Folha d'Alma

A Alguem

Foi numa calma tarde de Dezembro
Que meu amor nasceu ;
Com que doce alegria hoje me lembro
Daquelle riso tèn
O' purissima flor,
Que me mostrou o claro e lindo céu,
Do amor !

Inda e sempre feliz recorde aquella
Tarde primeira em que a sorrir te vi,
Quanta saudade, quanta eu sinto della
Em que o meu coração tremeu por ti !

Enlevados fitamo-nos os dois,
Quanto tempo? — Não sei
E julgo que jamais o saberei,
O' meiga e formosissima rainha . . .
Fitamo-nos, depois,
O olhar volvendo para o ceu
Pedi que fosses minha,
E tu, talvez, que eu fosse teu.

Quanta jura de amor assim fizemos,
Quanta phrase amorosa não dissemos
Apenas pelo olhar.
Vi-me feliz, alegre e satisfeito,
Sentindo o coração dentro do peito,
A rir e a cantar.

Tu vestias então de azul celeste,
Como um formoso archanjo
Sentando-me ao teu lado chamei-te anjo,
E rubra te fizeste.

Perto de mim, ó flor, toda tremias,
O causador talvez o pejo fosse ;
No entanto me sorrias ;
E ao gosar esse teu sorriso doce,
Desvairado pequei,
Ou melhor nós pecámos ;
O que sentimos ambos eu não sei,
Só sei que ambos ao ceu nos transportamos
Naquelle magico momento,
Que pequei, que pecaste, que pecámos,
Apenas pelo pensamento.

Ao meu amor então com mil desvelos,
Pedi que fosse a rir beijar-te a bocca,
F elle a tremer beijou-te toda
A bocca o collo as faces, os cabellos
Cheio duma alegria meiga e douda,
Numa ancia louca !

Vinha a noite descendo
Quando aquelle lugar abandonaste,
No entanto toda tremula, volvendo
Piedosamente os olhos para traz ;
E, não sei bem se reparaste,
O que afinal é bem capaz,
Ao entrares em casa,
Quando em mim teu olhar pousaste ainda,
A minh'alma cobriu a candida aza
Duma alegria meiga, doce, infinda !

Foi nesse dia então
Que se entreabriu graciosamente a flor
Do amor,
Dentro deste meu virgem coração !

José Jorge das Neves.

RETORNO

Ao Tercio Miranda

CHEGASTE. E no sereno olhar trazias
A luz mortíca das manhãs polares ;
Cantava em ti a voz das cotovias
Tão doce e terua como os teus cantares.

Entraste. E a velha casa em que vivias,
Erma de amor, tão triste ao te apartares ;
Voltou contigo ao mar das alegrias,
Banhada em lactescencias de luares . . .

Agora, tudo nos seduz e encanta . . .
Aves piando . . . E a cantilena rouca
Do rio, que em cascatas se levanta . . .

E a saciar a sêde dos desejos,
Deriva-se febril da tua bocca,
A perenne caudal de novos beijos . . .

Manaus (Brasil).

Arthur Roberto.

NÓS DOIS . . .

Abriu-se nos côr de ouro o livro d'alma um dia,
Numa constellação florente de esplendor . . .
E na folha primeira o sonho nos dizia,
Que se nos desdobrava a alvorada do amor . . .

Outra folha . . . foi dor, e martyrio, e tortura,
Pois a ausencia partira a nossa alacridade,
E inundando de pranto a palavra — ventura,
Nós fizemos com ella a palavra — saudade . . .

Mais paginas ainda . . . alegrias . . . bonança . . .
Na transfiguração de uma fé infinita
Partimos vela á luz, no batel da esperança . . .

Nossos labios unidos em candido desejo,
A tremer e a sorrir numa aurora benedicta,
Começamos a ler a pagina do beijo . . .

Nathercia Vampré de Andrade.

S. Paulo.

O INVERNO

Ao João Pontes.

Ve-se o inverno em cheio . . . as nevoadas
Montanhas parecem ursos brancos,
De envolto as néblinas e nos seus flancos
Assentados phantasmas, embuçados . . .

Mais tarde cahe a chuva . . . as trovoadas
São medonhas . . . e enquanto nos barrancos
As garças pescam peixe a solavancos
Os rios descem em grandes enxurradas.

Tambem nos corações ha invernações
Ha frios intensissimos que condensam-se
E por fim e por fim desaparecem . . .

São quando os primos sonhos arrefecem
E os passos da velhice mais indensam-se
Nas escabrosas noites ultimadas . . .

Massapé.

Gandido F. d'Albuquerque.

Tal a essencia de uma rosa, pres-tes suas almas voaram á radiante cupula, onde o bom Deus as espe-rava na porta hospitaleira.

Emquanto na terra eram abertas duas covas, destinadas a embalar docemente os cadaveres franzinos, dessas pequeninas borboletas!...

Hoje dormis o eterno somno, jun-to ao nosso Pae, tão meigo, tão bom e tão carinhoso, o qual aqui ua terra não o pudestes conhecer, mas, que hoje infelizmente, longe de mim está, junto a vós gozando o descanso eterno, desta malfada-da vida de illusões.

Beatriz N. Moreira.

CAMPESINA

O sol engastado na saphyrea cupula do firmamento, en-viava aos campos viriden-fes, seus alourados raios que ba-tendo na superficie crystalina do lago proximo, arrancavam fortes scintillações, ferindo-nos a retina.

Pastando o capim verde e macio que tapisava o solo, bois tran-quilos, philosophando, andavam a passos lentos, sacudindo as cau-das, expulsando assim dos seus dorsos, moscas importunas.

Cigarras bohemianamente zangar-reavam nos ipés de amarrelladas flores que se apresentavam riso-nhas aos caminantes, os quaes fugindo da canicula torturante e inexoravel, repousavam sob as fo-lhas desses vegetaes, fornecedores de sombras deliciosas.

Nas arvores copadas, pintasilgos gorgeavam alacrememente, enchendo-nos a alma de intensa e doce sa-tisfação...

Tudo denunciava o surgir da primavera radiante, repleta de sons, de cores e de perfumes.

Noel dos Santos.

Santa Izabel.

POSTAES

A vaidade é o maior defeito mo-ral que pode ter um ser que ra-ciona; na mulher é cousa para tornal-p desprezível, no homem é motivo para fazel-o repugnante, no-ento, asqueroso mesmo. — *Coe-ho de Araujo.* (S. Ephigenia).

A saudade é uma setta que trans-passa o coração de quem ama, de um modo, porém, tão subtil, que não deixa o minimo vestigio.

Saudade. Sentimento vago, pa-lavra que por mais que se queira explicar é impossivel.

Vocabulo magno que desperta em nosso espirito um que inexpli-cavel, palavra que emociona o co-ração e pelo pensamento nos le-va a grandes distancias, para ar-mos o passado, novamente, que nos recorda longas horas ao lado dos entes queridos que longe se acham. — *Italo Adami.* (Braz).

A' srta. Idaty Monteiro de Abreu: Quem ama verdadeiramente deve ter sempre em mente, o perfil da pessoa amada

— Amar é iniciar um romance na vida, o qual terminará funesto ou rizonho.

— Amor é crer, é ter religião, é ter o coração envolto no mais su-blime mauto da felicidade.

— O amor que fenece quando mal desabrochado, não foi desper-tado pelo vivo sentimento da ami-zade, mas sim, pelo interesse.

Ao sr. David Bueno Machado: A mulher que se apaixona pelo homem não é porque não tenha traquejo na vida, como diz o col-lega, mas é porque, sendo um ente pusilanime facilmente é illudido pelo ente brutal e forte, o homem.

— O homem com a maior das facilidades, tudo consegue. — *Al-fredo Teixeira Graça.* (Braz).

O homem que ama é capaz, pa-ra demonstrar a força do seu amor, de arrojear as mais temerosas em-prezas.

— O verdadeiro amor não é aquelle onde o desejo bestial da carne impera, mas sim o que se satisfaz com um simples olhar ou um doce sorriso do ser que se ama. — *José Jorge das Ueves.* (Re-dacção).

A Hugo Adami:

Os amigos sinceros são como as borboletas; estas procuram as flo-res mais perfumosas embora sem belleza; estes, os amigos sinceros, embora sem riqueza.

Embora o vento do esquecimen-to apague do teu coração o meu pobre nome, a tua imagem queri-

da vive e viverá sempre reinando absoluta no altar da minha alma.

— Na sociedade actual, nos tris-tes dias que decorrem, aquelle que se diz nosso melhor amigo, beija-nos para mais de perto vibrar so-bre o nosso coração o ponteagu-do punhal da ingratição. — *Oli-veira Mesquita.*

Christovão Colombo

Quem descobriu a America? Va-rias teem sido as respostas á esta pergunta; são oppostas e muitas vezes contradictorias as opiniões sobre o assumpto.

O estudioso no meio dessa con-fusão de ideias sobre a descoberta do Novo Mundo fica em completa obscuridade, n'uma nova Babel.

E' meu intuito neste pequeno ar-tigo resolver o controversia que se tem levantado a proposito dessa importante questão historica.

Breussing, B. de Las Casas, Humboldt, Novarette, Peschel, Du-ro, Ruge e outros emittiam opi-niões diversas e em muitos pon-tos de critica cahiram em contra-dicções vergonhosas, mostrando-se todos, abertamente, verdadeiros de tractores da gloria do immortal Colombo, e não criticas conscienciosas e desinteressadas.

Não posso nos estreitos limites deste artigo, discorrer aprofunda-damente sobre essa palpitante ques-tão.

Proponho-me, porém, a provar somente os seguintes pontos capi-taes; que Colombo não era um ignorante qualquer, como julgam muitos; que Colombo affirmava ser a terra redonda e não plana e infinita; que Colombo segundo penso e se for preciso provo ja-mais pensou em subtrahir segre-dos de D. Sanchez ou de quem quer que seja porquanto a tal via-gem deste não passa de um mytho historico, inventado para offuscar a gloria do intrepido navegante, o Leão do Oceano Ignoto! *El levante por el poniente!* Taes são as immortaes palavras do glorioso ge-novez; nellas os sabios detracto-res de Colombo deviam pensar cuidadosamente; nellas está conti-da toda a psychologia do ideal do grande argonauta. Si elle projec-tava ir pelo Occidente e voltar pe-lo Oriente, é porque se apoiava na esphericidade da terra. Não ob-servaram e não observam os sa-

bios detractores de Colombo que, sem se basear na redondez do globo terrestre, não se realisaria naquella época a grande descoberta? Não havia Sto. Agostinho declarado na doutrina das antipodes incompatível com a fé catholica? Que faria Colombo naquelles tempos em que tudo era heresia?

Sendo a opinião universalmente admittida, naquelle tempo, que a terra era plana e infinita como poderia o grande genovez sahir de Hespanha, isto é, do Occidente, para se dirigir à Asia e voltar pelo Oriente? Aqui está a antinomia. Consideremos a Hespanha (Europa), situada no ponto A: a Asia no ponto B; e o ponto X indicando o infinito.

	Norte	
X	A	B
	Sul	

Partindo Colombo do ponto A (Hespanha), considerando outr'ora a terra plana, como poderia attingir o ponto B indo pela direcção X? Colombo tão convencido estava de que a terra era espherica que partindo do ponto A tinha certeza de que iria chegar ao ponto B visto que, como costumava affirmar: Sendo a terra redonda far-lhe-ei o gyro. A' vista disso, porque calumnial-o, menosprezando-lhe a obra gloriosissima, o extraordinario successo?

Christovam Colombo foi o maior dentre os grandes homens do seu seculo; viveu asseado pela inveja, chasqueado pelas nullidades presumpçosas e morreu triste e acabrunhado, miseravelmente, nas ruas de uma velha cidade hespanhola — Valladolid —; sendo enterrado em S. Maria de las Cuevas, juntamente quiz as correntes para servirem de eterna testemunha da ingratição da Hespanha, quem elle encheu de ouro e riquezas. Hoje, porém, a sua memoria refulge e a ella tributamos o culto devido. Os pretenciosos historiadores que anceiam por deprimir-lhe a obra nada conseguem porque, acima dos arabescos da imaginação, acima das conjecturas falseadas o feito de Christovam Colombo viverá immorcessivel, nobre e gloriado por todos os tempos dos tempos na lembrança dos habitantes das plagas por elle descobertas. Salve Christovão Colombo!

Jurema, 12 - 10 - 909.

Francisco De Marco.

REMINISCENCIAS

— DA —

MINHA MOCIDADE

Tinha eu 14 annos. Creançola ainda, sem o minimo traquejo da vida, entregava-me diariamente a brincadeiras.

Traquinices sobre traquinices, mortificando aquella que me deu o ser, assim ia passando o tempo da minha mocidade.

Meus paes, que se esforçavam para ver em seu filho predilecto um homem de bem, digno de seus avós, diariamente me reprehendiam e as mais das vezes me batiam para me endireitar.

Peorava porém; e em vez de me dirigir para a escola, levado pelos maus companheiros, preferia passar o tempo, destinado ao estudo e às lições, na orgia, entretendo-me pelos cafés e pelos bilhares viciando-me e fazendo conhecimento com os maus elementos que, constantemente, perambulam pelos antros do vicio.

O tempo exgotava-se e a medida que isso acontecia meus paes mais se aborreciam commigo.

Vêm finalmente os exames, e eu que até esse momento não havia ligado importancia às lições, via com pezar que me não achava em condições de apresentar-me perante a banca examinadora.

Mas emfim, era preciso que eu os fizesse e o professor attendendo a pedidos de minha familia, apertava-me nas ultimas lições, procurando dest'arte convencer-me da necessidade do estudo e tornar-me applicado.

Esforcei-me então um pouco, mas já era tarde.

As provas chegaram logo. Perante a banca examinadora sou chamado, e após varias perguntas, mandam-me sentar. Como à maior parte dellas eu não soubera responder, na occasião em que me retirei vinha convicto de que seria reprovado.

Mas... que me importava a mim?... Seria mais um anno de escola, o que para mim não representava senão mais um anno de pandega...

Desillusão...

De posse do resultado do exame, e após ter sido informado do

minha reprovação dirigi-me para casa.

Empregando os costumados subterfugios, procurei convencer meus paes, de que si havia sido reprovado, fôra pelo facto de não ser sympathico ao examinador.

Mas meu pae não se convenceu, e no dia immediato, dirigindo-se a meu professor, interrogou-lhe porque tinha sido eu reprovado?... Como é natural, a resposta foi mais ou menos a que eu lhe havia dado, com o accrescimo de que, si tivesse estudado mais um pouco em lugar de me divertir tanto, sem duvida teria obtido melhor exito.

Deante desta resposta, meu pae convenceu-se de que as suas zangas e pancadas de nada me valeram e tomou uma resolução energica e extrema: tirar-me da escola.

E se bem pensou, melhor o fez.

Após as férias, quando já pensava em pôr-me de novo na companhia daquelles que eu tanto apreciava, eis que ouço do meu pae, ditas em tom brusco, expressões que me surprehenderam: — «Vá trabalhar. Estou farto de aturar-o. Quiz aducal-o; não ouviu meus conselhos e agora deve trabalhar, afim de que veja o quanto custa a vida. Mais tarde se arrependirá do que tem feito»... Partida.

Um mez mais tarde, parti da minha terra, dirigindo-me para o Brazil.

Hoje, cinco annos depois da despedida de meus paes, já tendo passado momentos tristes, recordo-me com pezar daquelles dias em que, surdo aos conselhos sabios dos meus progenitores, trocava o bilhar pela escola e o taco pelo livro.

Emfim... Paciencia. Supportarei com resignação a vida que eu mesmo quiz e aguardarei com calma e confiança quanto o futuro, nos seus indecifreveis arcanos, me destina.

S. Paulo 23-2-917.

David Bueno Machado

Tipographia Grimaldi

Rua Piratininga, n. 8

:: Escriptorio Commercial ::

— DE —

JOSE' JORGE DAS NEVES

GUARDA-LIVROS E CONTADOR

Approvado com distincção pela Escola de Contabilidade «Carlos de Carvalho»

Acceita todo e qualquer serviço de seu ramo, como sejam, abertura de escriptas, balanços, escriptas avulsas, etc

Rua Dr. Ricardo Gonçalves N. 30

Caixa do Correio, 2 (Braz)

SÃO PAULO

Pharmacia "FLORA," — DE —

ALFREDO ALVES GRAÇA

Consultas diariamente pelos abalissados clinicos:

DR. W. GORDON SPEERS

Medico parteiro e operador

das 18 as 19 horas

DR. A. DE VASCONCELLOS

Molestias de senhoras e vias urinarias

das 15 as 16 horas

Rua da Moóca, 234 - Tel., 3452 - S. Paulo

Illmo Snr
Officio J. Pereira
P. José Paulino 12
Deposital

:: **Orlando de Oliveira Godoy** ::

CIRURGIÃO - DENTISTA

Trabalhos de prothese dentaria, pelos processos americanos, mais modernos → Extracções completamente indolores — Obturações invisiveis á porcellana — Tratamento da pyorrhêa pela electricidade :: e pelo sôro Wright — Correção das anomalias dentarias :: ::

Consultas: das 8 ás 11 e das 13 ás 16 - Av. Rangel Pestana, 45 - S. Paulo

"A SEMPRE VIVA"

Fabrica de Coroas, Bisquit e Panne

J. R. CARDOZO & C.^{IA}

Fabricam-se Grinaldas, Bouquets para noivas, Flores para chapéas, Vestimentas para anjos ::

Peçam listas de preços

Recebe-se encomendas para todos os artigos concernentes a este ramo de negocio ::

VENDAS POR ATACADO

Travessa do Braz, N. 12 — S. PAULO

FABRICA DE CIGARROS — DE —

Florencio Pereira Lopes

SÃO PAULO

Fumo em corda das melhores procedencias

POÇO FUNDO

PLANETA

PALPITE

ITANHANDÚ

Em deposito permanente

:: Telephone N. 411 ::

Fabricante exclusivo

dos cigarros

HILDA - ZÉ

TROVADOR

CARLO ERBA E

JEAN JAURÉS

PARODIA - POMPEA

VALDA - WATRY

Av. Rangel Pestana, 319

(BRAZ)

CAIXA do CORREIO, 13

Productos puros de

qualidade

extra superior

Fumos desfiados

das

melhores

marcas

Telegrapho N. 319

CASA ITALIA

— DE —

LEONETTO ADAMI

Roupas feitas, Chapéus, Perfumarias, Aviamentos para Alfaiates

Artigos especiaes para homens

Preços nunca vistos

AV. RANGEL PESTANA, 206-A - S. PAUO